14º Seminário Nacional Sociologia & Política
Saberes em Confluência
GT 05 - Sociologia na Educação Básica

COLAGEM E RESSIGNIFICAÇÃO: POSSIBILIDADES DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Andressa Cristina Pereira Gardioli[1]
Renata Oliveira dos Santos[2]
Zuleika de Paula Bueno[3]

INTRODUÇÃO

A presente comunicação foi composta a partir das disciplinas destinadas à construção dos Trabalhos de Conclusão de Licenciatura dos formandos do ano de 2025 do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá. Durante a experiência, sob orientação da Prof. Dra. Zuleika de Paula Bueno, a turma foi direcionada a uma produção coletivizada, partindo do incentivo à criação de metodologias que envolvessem os alunos em sala de aula em uma dinâmica prática e imersiva, fazendo intersecções com propostas artísticas e/ou comunicacionais.

No processo de investigação e desenvolvimento das ideias que resultaram nesta produção, algumas insatisfações em relação à educação formal mostraram-se, cada vez mais, relevantes. A principal delas refere-se à valorização excessiva - dentro das escolas e universidades - de uma única linguagem: aquela envolta à *palavra* (escrita formal).

[1] Mestranda em Educação, Universidade Federal do Paraná, andressa.gardioli@ufpr.br
[2] Doutora em Educação, Universidade Estadual de Maringá, rosantos@uem.br
[3] Doutora em Multimeios, Universidade Estadual de Maringá, zpbueno@uem.br

Corroborando para essa percepção, Paulo Freire, na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado na cidade de Campinas, no ano de 1981, em uma elaboração acerca da *importância do ato de ler,* utilizou-se dos recursos da memória e oralidade, retomando, a partir deles, sua infância no interior de Recife, para, assim, colocar em prática um exercício de transporte do ouvinte - e, posteriormente, leitor, visto que a fala foi transcrita a posteriori - para o seu mundo, um mundo, justamente, *anterior à palavra*. Com isso, Freire constrói sua argumentação considerando que a leitura acontece, em um primeiro momento, a partir do mundo tátil/físico que cerca os indivíduos e, em seguida, a partir das palavras, comumente relacionadas ao ato de ler.

Essa criticidade também pode ser explorada a partir de perspectivas contracoloniais, como é o caso do pensador Nego Bispo, que se posiciona, sob o âmbito de suas vivências quilombolas, de forma oral. Ou seja, para ele, a fala e o corpo constituem as principais transmissoras dos saberes ancestrais, superando a escrita formal. Essa perspectiva fica evidente em diversas falas e entrevistas do autor, além de ser demonstrada em inúmeros trechos de seu livro intitulado *A terra dá, a terra quer*: "no quilombo, somos da oralidade, compomos o nosso saber nos bares de ponta de rua" (BISPO, 2023, p. 43).

Partindo de concepções como essas, é possível refletir que a palavra escrita não é a única - ou quem sabe, superior - forma de comunicação-observação-exploração do mundo. Sendo assim, é possível, até mesmo, necessário desenvolver-se e, enquanto docente, comprometer-se com um processo de ensino e aprendizagem que tenha como ponto de partida outras linguagens, como, no caso da presente proposta, a *imagem* e, posteriormente, a *colagem*.

Realizando uma retomada ao pensamento de Émile Durkheim, especialmente em sua obra *Educação e Sociologia*, torna-se perceptível como, para o autor, a educação cumpre um papel de transferência da moral, buscando desenvolver, entre as novas gerações, seres sociais aptos e correlacionados à sociedade em que estão inseridos, cumprindo uma função perpetuadora, que busca manter a ordem social e evitar a desregulação da estrutura posta.

Sendo assim, para o autor, a sociedade necessita da educação para fortalecer sua homogeneidade/solidariedade e faz isso "gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida cotidiana" (Durkheim, 2011, p. 53). Logo, nessa perspectiva, as temáticas abordadas e consideradas relevantes em uma sala de aula estão voltadas a determinados interesses, sendo eles, raramente, transgressores. Essa noção fica evidente na seguinte passagem:

> Isso aconteceu quando a vida social, sob todas as suas formas, tornou-se complexa demais para poder funcionar de outra forma a não ser com base na reflexão, ou seja, no pensamento iluminado pela ciência. A cultura científica se tornou então indispensável, e é por isto que a sociedade a exige de seus membros e a impõe como um dever. [...] Neste contexto, o raciocínio e o livre pensamento são inúteis e até perigosos, já que necessariamente ameaçariam a tradição. É por isto que eles são proscritos (Durkheim, 2011, 57).

Faz-se necessário destacar que, esta percepção em relação a função da educação não é hegemônica e, inclusive, existem diversos autores que pensaram no ato de ensinar com uma atribuição transgressora/libertadora, como é o caso, inclusive, de Paulo Freire.

Quando se compreende, no entanto, que, apesar das perspectivas dissidentes, a função da educação tende a estar relacionada à manutenção da ordem, é possível voltar-se à manifestação artística da colagem enxergando-a, justamente, como um recurso com potencial ressignificador e transgressor. Nesse sentido, Fuão (2011), arquiteto, artista e colagista, propõe uma teoria que apresenta a *collage*[4] como, justamente, esse processo de produção de subversão, destinando as imagens - e seus contextos sociais - a novas aproximações e relações, afastando-as de seus sentidos originais.

Tratando-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, ancorada em referenciais teóricos que pensaram a educação de forma transgressora e crítica como Paulo Freire (*Pedagogia da autonomia,* 2002) e bell hooks[5] (*Ensinando o pensamento crítico*, 2020), além de autores que se debruçaram sobre o ato de colar, como Fuão (*A collage como trajetória amorosa*, 2011), a comunicação buscará apresentar argumentos que defendem a prática da colagem como uma poderosa ferramenta didática, especialmente em aulas de Sociologia. Serão apresentados, também, alguns caminhos e iniciativas envoltas a temáticas como cultura, diversidade, trabalho e desigualdade social, que podem ser reproduzidas e/ou servir de inspiração para professores em atuação.

DESENVOLVIMENTO

1. Anti-linguagem na disciplina mais *indisciplinada* da escola.

[4] Fuão utiliza no decorrer de suas produções o termo *collage*, em substituição à palavra *colagem*. Para ele, essa escolha se dá considerando que ele emprega a collage em seu sentido surrealista - de mudança e transformação no significado das figuras - opondo-se à colagem por si só que, normalmente, em sua perspectiva, designa qualquer trabalho resultante da aplicação do material colado em um plano. No que diz respeito ao presente trabalho, será adotada a palavra colagem, visando a compreensão geral, mesmo que seu sentido esteja alinhado à ideia de *collage* de Fuão.

[5] O nome bell hooks é escrito em letra minúscula contemplando uma escolha política da autora que pretendia desviar o foco, dentro do texto, de si própria e direcioná-lo para sua teoria.

Visando retomar o conceito de colagem, em uma prévia a defesa de suas possíveis aproximações, na educação formal, com a Sociologia, se faz necessário um aprofundamento na conceituação produzida por Fuão (2011). A escolha de utilizar-se o autor, dentre tantos/as que pensaram e produziram colagens no decorrer da história, parte da sua concepção esclarecedora acerca, justamente, da capacidade que a técnica artística tem de subverter-ressignificar-transformar noções postas.

Para ele, o processo da colagem ocorre em três etapas: a primeira, denominada de *recorte*, que consiste em selecionar elementos, figuras e recortá-los, a partir daquilo que salta aos olhos como interessante ou não. Já a segunda etapa, chamada por Fuão de *encontros*, consiste no momento em que se organiza as figuras recortadas anteriormente, as avizinhando e designando à elas "toda a sorte de aproximações que as figuras, liberadas de seu contexto anterior, costumam realizar" (Fuão, 2011, p. 7). Por fim, a terceira e última etapa consiste na colagem em si, utilizando-se a *cola*, fixando uma figura à outra ou à um suporte.

Na perspectiva do autor, o recorte, o encontro e a cola, processos que caracterizam a colagem, são simbólicos e carregam o poder de violar códigos, como apresentado na passagem a seguir:

> A *collage* é um processo de produção de novos objetos, formas e imagens, provenientes da associação de objetos e figuras já existentes. É um procedimento que tem seu produto originário da fusão associativa de formas e ideias, sendo um modo de deixar o mundo falar através de suas imagens, signos e fragmentos. É uma linguagem, uma conversa que grita contra a ordem das coisas, de seus conceitos e significados, de suas intolerâncias e preconceitos. É uma anti-linguagem, uma linguagem de violação de códigos (fuão, 2011, p. 9 e 10).

Quando se percebe o ato de colar a partir dessa noção, torna-se possível realizar uma aproximação entre Sociologia e a tida anti-linguagem. Não poderíamos, inclusive, evocando um certo humor, ler a Sociologia, justamente, como uma *antidisciplina*? Não seria ela a responsável por *violar os códigos* da escola, promovendo nos alunos uma criticidade que grita *contra a ordem das coisas*? Sendo assim, ao utilizar o recurso da colagem como didática para o ensino de Sociologia, objetiva-se, em princípio, cumprir os propósitos, ao menos sociais, políticos e *indisciplinados*, da disciplina no Ensino Médio.

Pensando nesses objetivos, Francisco Kieling (2012) elabora que a função da Sociologia no Ensino Médio está em contribuir com as habilidades dos alunos de compreensão do mundo social e suas contradições. Para isso, ele compreende a necessidade

de estender os conteúdos formais à realidade da comunidade escolar, partindo-se dos acontecimentos cotidianos e relacionando-os aos processos macrossociais.

Ao buscar "contribuir para o jovem se situar no mundo de relações sociais à sua volta" (Kieling, 2012, p. 28 e 29), o/a professor/a que apropria-se da colagem, especialmente quando posta em uma perspectiva ressignificadora, encontra uma forma de aproximar o *sociologuês* e os alunos, tornando-os íntimos e contribuindo, ainda, com a capacidade reflexiva e de apropriação daquilo que está sendo estudado em sala de aula, visto que a criação de elementos visuais coerentes só é possível a partir da verdadeira elaboração, compreensão e criticidade.

Apropriando-se, também, do *Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná* (2025), observa-se que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS) busca desenvolver o pensamento crítico, formando cidadãos reflexivos e orientados pelos princípios da justiça social, dos direitos humanos e da cidadania. No que diz respeito aos encaminhamentos metodológicos para a área de CHS, encontra-se a possibilidade de uma "visão abrangente e uma **leitura crítica** da realidade pelo estudante" (Paraná, 2025, p. 90) bem como a articulação entre a teoria e a prática, favorecendo "a **contextualização do ensino às realidades dos estudantes** e às demandas do mundo contemporâneo" (Paraná, 2025, p. 91).

Apesar da possibilidade - e, por vezes, necessidade - da realização de uma leitura crítica do Referencial Curricular, que volta-se em demasia a prática, onde o professor torna-se um mero mediador, desconsiderando, em partes, a importância do conhecimento histórico acumulado, ainda é possível considerá-lo, especialmente para apresentar, a partir dele, as contribuições da colagem como recurso para sua efetivação:

a. A partir da construção de colagens, os alunos estabelecerão uma **leitura crítica** aos elementos visuais-midiáticos presentes em revistas, jornais, panfletos e outros meios de comunicação que os cercam; além de, através da reorganização - ou do que chamava Fuão de *encontros* - desses elementos, os ressignificarão, atribuindo-lhes novos sentidos, agora subvertidos.
b. Como a colagem parte de elementos que cercam os indivíduos e estão presentes em suas realidades, a articulação da Sociologia com essa possibilidade de construção carrega uma potencialidade de **aproximação**, em um âmbito mais íntimo e, até mesmo pessoal, **dos alunos aos conteúdos apresentados** e a forma como eles se dão na realidade social que os cerca, os articulando a estabelecerem um olhar atento às categorias sociológicas no dia a dia.

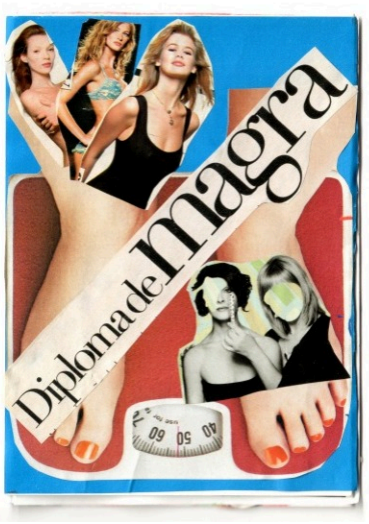
1.1 Experimentações a partir da colagem

Esse processo de compreensão e ressignificação da realidade que se dá através do exercício da colagem pode ser exemplificado a partir da experiência com a oficina intitulada *Colagem Criativa,* realizada durante o 2º semestre do ano de 2025 no Centro de Ação Cultural Márcia Costa (CAC) em Maringá/PR.

O CAC é um centro educativo informal, ou seja, ele cumpre um papel social, educacional e artístico, englobando indivíduos de diferentes idades e com níveis distintos de letramento, sem estar vinculado à um espaço formal (como escolas ou universidades). A escolha dessa experiência para a elucidação se dá em uma tentativa de evidenciar como, por mais que o presente trabalho pense em uma atuação formal, a colagem pode - e deve - ser expandida para abranger outras possibilidades e contextos de ensino.

Envoltos, mesmo que inconscientemente, nesse processo educativo informal os membros que participaram da oficina em questão foram convidados, em um determinado encontro, a produzirem colagens que carregassem temáticas sociais que os colocassem em movimento como seres políticos. Nessa proposta, duas participantes chegaram às seguintes experimentações:





Imagens 1 e 2. Acervo da autora (2025).

Experiências com a oficina *Colagem Criativa* no CAC Maringá.

Nelas, observa-se um processo de reinterpretação dos discursos relacionados a gênero,

emagrecimento, saúde, beleza e pressão estética provenientes das revistas, especialmente voltadas às mulheres, que circulavam - em maior quantidade, considerando que não estão atualmente extintas - entre as décadas de 1980 e 2010.

Houve, neste caso, um primeiro contato com as revistas e os discursos carregados por elas, em seguida, a aplicação de um olhar crítico e reflexivo acerca dessas convenções e, por fim, a ressignificação do contexto, promovendo, a partir da construção das colagens e reorganização das imagens, um tom que denuncia à violência envolta a pressão estética destinada às mulheres - extremo oposto dos sentidos que as mesmas imagens carregavam em sua organização original.

Outro exemplo que pode ser explorado das múltiplas utilizações e potencialidades da colagem como recurso didático, nessa ocasião, novamente, em um espaço informal, partiu da realização da oficina *Arte é Política*, integrada a programação da *Operação Rondon Paraná* 2025, sediada, na ocasião, considerando a recorrência anual do projeto, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Com financiamento da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná (SETI), as universidades estaduais paranaenses, em parcerias, também, com centros de ensino particulares, desenvolveram na operação diversas oficinas e ações sociais em municípios enquadrados na classificação de vulnerabilidade social localizados no norte-pioneiro do estado.

A Universidade Estadual de Maringá, em parceria com a instituição privada UNINGÁ, compôs um grupo de alunos aptos a desenvolverem essas atividades. As cidades destinadas à equipe foram Cornélio Procópio e Leópolis. A oficina *Arte é Política,* replicada em três ocasiões, ocorreu, especificamente, na segunda cidade, bem como em seus distritos Primavera e Jandinópolis.

A experiência da oficina buscou promover, em praças públicas, diálogos e reflexões acerca da posição que os participantes ocupam no mundo, bem como a responsabilidade social que possuem em relação às possibilidades de mudanças sobre as insatisfações compartilhadas. Participaram, em diferentes dias, crianças, adolescentes, adultos e idosos e, de formas distintas, todos eles encontraram meios para elaborarem suas reflexões, as transformando em representações visuais.





Imagens 3 e 4. Comunicação da Prefeitura Municipal de Leópolis (2025).
Acesso em: https://www.leopolis.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1472764
Experiências com a oficina *Arte é Política* na Operação Rondon Paraná do ano de 2025.

Com a vivência apresentada, torna-se relevante destacar como a colagem se caracteriza em um recurso artístico versátil, podendo ser explorada por indivíduos que ocupam graus diferentes de proximidade com o universo da arte. Por ser uma atividade que não segue delimitações formais e possibilita a criatividade, durante sua produção, muitas vezes, a experiência torna-se mais simbólica e importante que aquilo tido como resultado.

Saindo do âmbito informal e adentrando em outra modalidade de ensino que, por sua vez, também está fora da educação básica, é possível pensar na utilização da colagem, ainda, compondo a formação de professores, no Ensino Superior. Um dos eventos promovidos pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Ciências Sociais da UEM no ano de 2025, desenvolveu, justamente, um debate, também no Centro de Ação Cultural Márcia Costa, sobre a utilização da colagem em sala de aula, como uma possibilidade para o ensino de Sociologia.

Ao final da conversa, os futuros docentes presentes foram convidados a experimentar a técnica, produzindo, por si próprios, suas representações visuais. Essa experiência mostra, além dos possíveis desdobramentos didáticos provenientes da técnica artística trabalhada, também, como o PIBID se faz um local, justamente, de investigação, onde o ensino pode ser pensado por diferentes caminhos, expandido o tradicional.





Imagens 5 e 6. Acervo da autora (2025).
Experiências promovidas a partir do PIBID no CAC Maringá.

Sendo assim, a partir dos múltiplos exemplos e possibilidades, pensando na colagem como um recurso didático rico e versátil, serão apresentadas a seguir, a partir de temáticas norteadoras que perpassam o ensino de Sociologia na educação formal, iniciativas e caminhos para mediar *recortes* e *encontros* dentro da sala de aula.

1.2 E agora, como abordar o *sociologuês* por meio da colagem?

Para a realização de uma atividade que contemple colagens faz-se necessário o uso de revistas, jornais, mídias impressas, panfletos, recortes e retalhos. Utilizam-se também tesouras, cola branca, papel, pincéis, copos descartáveis ou bandejas (para comportar a cola) e, como materiais complementares, lápis de cor, giz de cera, canetas, canetinhas e etc.

Os materiais postos, serão apresentadas a seguir iniciativas que podem ser utilizadas como inspiração para docentes interessados/as em explorar o recurso da colagem. Abordando temáticas centrais, as moções visam aflorar a criatividade e demonstrar exemplos que exploram os limites e as múltiplas possibilidades de utilização da modalidade.

No entanto, considera-se que a adaptação aos contextos particulares, próprios de cada sala de aula, é elemento fundamental para o melhor aproveitamento das propostas. Além de, é claro, apropriando-se do recurso, cada professor/a pode - e deve - desenvolver seus próprios direcionamentos, a partir das temáticas que julgar possuir relevância, podendo, inclusive, potencializá-los ainda mais com a união a outros recursos artísticos como músicas, filmes e literatura.

Temática central:	Direcionamento para o aluno:	Desdobramentos da iniciativa:
Relação entre indivíduo e sociedade.	"A partir da observação das revistas, jornais e demais materiais para recorte, selecione elementos que retratem seu cotidiano, ou seja, aquilo que você e/ou seus amigos e famíliares fazem no dia a dia (por exemplo: trabalhar, ir à igreja, utilizar determinadas roupas, etc). Quantos desses elementos são reflexos daquilo que fomos socialmente apresentados? Esses elementos se alteram a partir de outros contextos sociais?"	A partir desta iniciativa os alunos serão convidados a refletirem acerca do que é - ou não - socialmente construído em sua realidade, podendo, inclusive, assumir um olhar crítico àquilo que é condicionado.
Cultura e diversidade.	"A partir da observação das revistas, jornais e demais materiais para recorte, selecione elementos que retratam o Brasil midiático, ou seja, aquele Brasil que é conhecido mundialmente pelo futebol e samba. Em seguida, selecione elementos que, em sua percepção, representem o Brasil para além do clichê. Divida o papel em duas partes e faça um contraste com as duas percepções."	Com esta iniciativa, os alunos poderão refletir sobre quais culturas e formas de organização social são minimizadas, inferiorizadas e/ou até mesmo apagadas. Além disso, ele poderá perpassar sobre o conceito de estereótipos, refletindo aqueles postos ao Brasil e sua reprodução e, também, em relação à outras culturas (como ocorre com os estereótipos direcionados às populações indígenas).
Consumo e capitalismo.	"A partir da observação das revistas, jornais e demais materiais para recorte, selecione propagandas (diretas ou indiretas) e as reúna. Em seguida, selecione elementos que evidenciem o outro lado desses produtos desejáveis (como trabalho, exploração, impacto ambiental, construção do desejo). Divida o papel em duas partes e faça um contraste entre as duas percepções."	Com esta construção será possível levantar um debate acerca dos interesses e hábitos de consumo dos alunos, como eles se relacionam à status e à uma lógica propriamente consumista - a lógica capitalista. Além disso, pode-se refletir sobre qual impacto que isso surte no meio ambiente e na experiência e forma humana de se relacionar com os demais e o mundo.
Trabalho e sociedade.	"A partir da observação das revistas, jornais e demais materiais para recorte, selecione elementos que representam profissões que são, na maior parte do tempo, invisibilizadas (empregadas domésticas, entregadores, etc). Em seguida, selecionem elementos que representam o sucesso, o “vencer na vida” (por exemplo: dinheiro, carro, casa, etc) e reflita: todos partem da mesma largada? Todos possuem as mesmas 24h por dia? Construa sua colagem contrastando os elementos selecionados."	Nesta produção os alunos poderão refletir sobre exploração e precarização do trabalho, meritocracia, acesso a oportunidades, relações entre classes sociais e, até mesmo, hegemonia do discurso que determina o “sucesso”.

Desigualdade Social.	"Selecione, a partir do recorte de revistas, jornais e demais materiais, indivíduos que são atravessados por marcadores sociais da diferença (raça, gênero, classe, sexualidade, etc). Em seguida, reflita: os indivíduos que carregam esses marcadores enfrentam barreiras sociais e históricas de acesso à determinados espaços (como a Universidade, por exemplo)? Com essa reflexão, selecione outros elementos que representem esses espaços desejados e construa sua colagem contando uma nova história, na qual as desigualdades são corrigidas e as oportunidades igualadas."	A partir da construção desta colagem, os alunos poderão compreender a desigualdade para além da ótica econômica, observando-a através de outros marcadores sociais da diferença como raça e gênero, entendendo, inclusive, a interseccionalidade assumida por estes elementos na vivência dos indivíduos. Além disso, poderão ser levantadas reflexões acerca do acesso à educação/trabalho, disputa simbólica, mobilidade social, meritocracia e, até mesmo, políticas afirmativas, suas construções e importância.
Poder e política.	"Selecionando imagens a partir da observação de revistas, jornais e demais materiais, destaque elementos que representem a política formal, especialmente figuras políticas em posições de poder. Em seguida, reflita: essas imagens representam de fato a diversidade da população brasileira? Os interesses coletivos aparecem? A partir dessas inquietações, selecione novos elementos que expressem aquilo que você julga essencial para uma política mais representativa, justa e coletiva. Construa sua colagem contrastando os elementos."	A partir desta elaboração, será possível promover reflexões acerca dos limites e problemáticas envoltos à representação política, além de discussões acerca de temáticas como poder, dominação, participação popular e cidadania.

Nem tudo são flores…

Assim como qualquer outro recurso pedagógico, a utilização da colagem carrega, também, alguns complicadores. Os principais deles estão relacionados ao *tempo* e ao *espaço*. A disciplina de Sociologia, desde sua implementação na educação básica, enfrenta instabilidades e desafios, sendo, em determinados períodos, incluída ou afastada do currículo educacional (Santos et all, 2018).

Nesses processos de disputas curriculares, a quantidade de horas-aula destinadas à Sociologia mostra-se, por vezes, insuficiente para a realização, com devida qualidade, de atividades que fogem da tradicional exposição oral. Além disso, em contextos de escolas públicas, muitas vezes, os espaços destinados para as aulas são pequenos e/ou pouco estruturados, o que pode ser um elemento dificultador da atividade.

Alternativas para essas questões estão envoltas a propostas interdisciplinares, firmando parcerias com professores/as de outras áreas do saber, para que possam trabalhar juntos, aumentando o tempo disponível. Também é possível pensar na fragmentação do processo da colagem em diferentes aulas: um dia para observar revistas e jornais, selecionando imagens e outro para reorganizá-las, colando-as.

Outra possibilidade, ainda, pensando na questão espacial, se dá na ocupação de outros ambientes da escola que estão fora da sala de aula. É possível, por exemplo, produzir uma colagem em roda, sentados no chão, no pátio ou na quadra da escola. Além disso, pode-se considerar utilizar a oportunidade para promover uma visita a algum ambiente externo à escola, como museus, bibliotecas, centros culturais, casas da cultura, praças e parques, realizando o processo da colagem em uma ambientação completamente nova.

O importante, assim como a colagem envolve criatividade para seu desenvolvimento, é que o/a professor/a que escolher explorar essa proposta, permita-se, também, ser **criativo em suas escolhas didáticas**, contornando possíveis dificuldades e/ou contratempos (Bueno e Lima, 2024).

CONCLUSÃO
Ou breve reflexão sobre o pensamento crítico.

O rapper Leandro Roque de Oliveira, conhecido como Emicida, realizou, no ano de 2019, um espetáculo protagonizando seu álbum *AmarElo* - também deste ano - no *Theatro Municipal*, em São Paulo. Nesta ocasião, na apresentação da faixa *Principia,* Emicida conta ao público a seguinte história:

> A primeira vez que eu fui na África meu amigo Chapa me levou num museu que tem em Angola que eles chamam de museu da escravidão e naquele lugar tinha uma pia que tava escrito um texto na parede que era mais ou menos assim “foi nessa pia que os negros foram batizados e, através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que eles não tinham alma” eu olhei pro meu parceiro e naquele dia eu entendi qual era a minha missão. A minha missão cada vez que eu pegar uma caneta, um microfone é *devolver a alma* de cada um dos meus irmãos e das minhas irmãs que sentiu que um dia não teve uma (EMICIDA. Principia - Ao Vivo, 2021).

Devolver a alma a alguém pode ser interpretado como a capacidade de devolver o direito de sonhar-existir-pertencer algo que é, inúmeras vezes, arrancado dos indivíduos. Emicida compreende que essa é sua missão com a música: mostrar que os sonhos são possíveis, especialmente à população negra. Nessa perspectiva, é possível estabelecer um

paralelo entre Emicida e um/a professor/a, que, por sua vez, carrega, através de seu ofício, a possibilidade de (re)ensinar seus alunos a sonhar, promovendo-os ao letramento crítico para compreender a realidade que os cerca e os caminhos para agirem de forma autônoma.

Em uma aula de Sociologia do Ensino Médio, utilizando-se a colagem como recurso metodológico, torna-se possível trabalhar com estruturas sociais presentes no dia a dia, questionando-as, entendendo suas origens, implicações, como se perpetuam e, principalmente, **ressignificando-as**. Essa dinâmica carrega, em si, os elementos necessários para a construção de alunos reflexivos e engajados.

E são, justamente, os alunos reflexivos e engajados que terão a oportunidade, a partir do que apresenta bell hooks em *Ensinando o pensamento crítico* - ou, quem sabe, Emicida em sua reflexão acerca da alma - de viver bem e em completude, visto que: "quando usamos efetivamente o conhecimento dentro e fora da sala de aula, desenvolvemos um relacionamento orgânico com o pensamento crítico e utilizamos em todas as esferas da vida os recursos que ele nos proporciona." (bell hooks, 2020, p. 281).

Além disso, considerando os desafios postos a prática da colagem, relacionados, comumente, a falta de proximidade dos docentes com a técnica, o que, caso corrigido, permitiria rearranjos criativos para suas particularidades, propõe-se, a partir deste trabalho, a importância de dedicar atenção a recursos não-tradicionais de ensino na formação docente. Destacando, ainda, os programas de iniciação à docência como espaços para exploração dessas múltiplas possibilidades.

Quando se explora essas múltiplas práticas docentes já na formação de professores, valoriza-se, justamente, uma perspectiva educacional transgressora, emancipadora e crítica, na qual o/a educador/a "aprende ao ensinar" (FREIRE, 2002, p. 12) e, consequentemente, o/a aluno/a "ensina ao aprender" (FREIRE, 2002, p. 12).

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria Helena Rosa. **Leitura de imagens e o ensino da arte:** considerações em educação não formal - em museus. III Seminário Leitura de Imagens para a Educação: múltiplas mídias, Florianópolis, p. 146 - 164, 2010.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023

BUENO, Zuleika de Paula; DE SOUSA LIMA, Ângela Maria. **Conversas sobre ensinagem, exercícios de a/r/tistagem:** encontros e trocas na docência universitária. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 25, n. 76, p. 125-137, 2024.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23° edição. São Paulo: Cortez Editora, 1989, p. 9 - 14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FUÃO, Fernando Freitas. **A collage como trajetória amorosa.** 1° edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 7 - 11.

HOOKS, bell. **Ensinando o pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020, p. 276 - 281.

KIELING, Francisco dos Santos. O educador no ensino médio: desafios à prática significativa. in: ZORZI, Analisa; KIELING, Francisco dos Santos. **Metodologia do ensino em Ciências Sociais.** Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.

ODORIZZI, Tatiane Jeruza. **Leitura de imagem e de mundo:** possibilidade educativas em espaços formais e não formais de educação em artes. Revista Maiêutica, Indaial, v. 4, n. 1, p. 31 - 40, 2016.

PARANÁ. Secretaria de Educação e do Esporte do Estado do Paraná. Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná, 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná, 2025.

PRINCIPIA - AO VIVO. Intérprete: Emicida. Compositor: Emicida e Nave. In: AMARELO - AO VIVO. Intérprete: Emicida. São Paulo: Sony Music Entertainment Brasil Ltda, 2021. Faixa 20, 8m 37s.

SANTOS, Renata; MENDONÇA, Camila Tecla Mortean; MERTZIG, Patricia; COSTA, Maria Luisa Furlan. **Políticas Públicas de Educação:** uma reflexão sobre o não lugar do Ensino de Sociologia. Colloquium Humanarum, vol. 15, n. Especial 2., p. 486-492, 2018.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica:** Durkheim, Weber e Marx. Itajaí, 2001.